

**Anotações sobre puros espíritos (anjos, demônios, etc.) e a possibilidade de comunicação com os mesmos.**

Independentemente da (des) crença de cada um, é certo que, em algum momento da vida, fizemo-nos algumas perguntas, no nosso relacionamento, seja com os que nos são próximos, sejam com os possíveis seres ditos incorpóreos.

Como os místicos (evidentemente cuja doutrina esteja em conformidade com os ensinamentos da Igreja Católica), respondem a estas perguntas (além de outras):

*Quais são as possibilidades de relação entre as almas e os puros espíritos, isto é, os espíritos incorpóreos?*

*Os puros espíritos também se servem da exteriorização sensível como via de penetração no interior das almas?*

*Há conhecimento do sensível sem a mediação dos sentidos?*

Verificamos que, recentemente, uma grande pensadora, **EDITH STEIN**, procurou examinar estas questões, sobretudo à luz dos ensinamentos de São João da Cruz.

Apenas a título ilustrativo, e procurando despertar a curiosidade natural de conhecimento, o grupo examinou alguns aspectos do livro desta grande figura humana, declarada Santa.

Trata-se da "A Ciência da Cruz" (subtítulo "Estudo sobre São João da Cruz"), editado pelas Edições Loyola, em 1988, com a tradução de D. Beda Kruse, monge beneditino em Salvador (Bahia).

O grupo recomenda a leitura dessas páginas, que fornecem subsídios importantíssimos dos grandes místicos para a questão. Em resumo: o interessado deve, necessariamente, comprar o livro.

Ao final, o grupo traz as homilias do Papa João Paulo II, com a súpula da vida da agora Santa Edith Stein (Irmã Tereza Benedita da Cruz, O. C. D.)



### Páginas 129 e seguintes

Falamos num *Reino do Espírito e dos espíritos*, porquanto todos os seres espirituais possuem uma relação entre si, ao menos possivelmente, e porquanto fazem parte de um todo. Chamamo-lo de *Reino do Espírito* porque o termo Espírito abrange mais que a totalidade dos espíritos, incluindo tudo quanto é *elemento espiritual*, ou seja, em certo sentido, todos os seres. Acrescentamos, entretanto, *reino dos espíritos* porque nesse reino os seres espirituais (os espíritos) *personais* têm importância de primeira ordem. Nesse reino, Deus tem o primeiro lugar, excedendo infinitamente a todo o espiritual e a todos os espíritos. Um espírito criado só pode elevar-se até Ele erguendo-se acima de si mesmo. Deus é o fundamento que sustenta todo o ser, dando-lhe existência

e conservando-o. O que a Ele subir encontra nele, simultaneamente, seu apoio seguro.

### *Relacionamento da alma com Deus e com os espíritos criados*

#### **Relacionamento com Deus**

São João da Cruz denomina a Deus "o ponto de repouso da alma" (centro de gravidade): trata-se de uma comparação espacial tirada das ciências naturais do seu tempo. Segundo esse conceito, os corpos são atraídos com força total pelo centro da terra, o ponto de maior atração. Uma pedra que estivesse enterrada já teria alcançado certo ponto de repouso, mas ainda não teria chegado ao ponto de repouso absoluto, pois continuaria tendo capacidade, força e tendência para uma queda mais profunda, que a levasse até o centro da terra. Assim também a alma, "quando conhecer, amar e gozar a Deus com todas as suas forças, terá encontrado em Deus seu ponto de repouso absoluto". Isso, porém, não se realiza plenamente nesta vida. Mesmo que pela graça divina a alma tenha encontrado um ponto de repouso, não terá atingido o máximo, porque é-lhe impossível penetrar Deus cada vez mais profundamente, pois a força que a atrai é o amor que nesta terra pode alcançar graus sempre maiores. Quanto maior o grau de amor, tanto mais intimamente a alma é possuída por Deus. Pelos degraus da escada, a alma sobe para Deus, para a união com Ele; e quanto mais sobe para Deus, tanto mais profundamente desce em si mesma: a união há de realizar-se no íntimo da alma, nas profundezas do seu âmago. Se isso parece contraditório, devemos ter presente que aqui se trata de imagens espaciais, quantitativas, que, em se relacionando mutuamente, indicam que algo está fora do espaço e que não pode ser convenientemente traduzido por quaisquer elementos da experiência natural.

Deus mora no mais íntimo da alma e nada do que dentro dela se encontra Lhe é oculto. Mas nenhum dos espíritos criados poderá, por si próprio, entrar nesse jardim fechado ou espreitá-lo (entendendo-se como espíritos criados tanto os bons como os maus – ambos chamados puros espíritos por não possuírem corpo — e, ainda, as almas humanas).

### **Relacionamento com as outras almas humanas**

Sobre o **relacionamento das almas humanas entre si**, poucas alusões encontramos em São João da Cruz. A única relação humana mencionada é a da alma espiritual com seu *diretor espiritual*. Mas ele não se preocupa com a forma pela qual esse entendimento se realiza; só uma vez ele afirma que os homens dotados do discernimento dos espíritos reconhecem, por poucos sinais exteriores, qual o estado interior de outrem (cf. *Subida*, 1. II e 24). Por aí se deduz que a via normal de conhecimento da vida psíquica do próximo passa pelas manifestações sensíveis da vida psíquica e se aprofunda até onde o interior se manifesta. De fato, a toda exteriorização, mediante expressões sensíveis, sensações, sons, palavras, ações e obras, corresponde certa manifestação interior, espontânea ou não, consciente ou inconsciente (isto o temos por pressuposto). Alguma coisa do interior aflora em tudo quanto de lá provém. Mas enquanto dependermos da via natural de conhecimento, sem ser guiados por iluminações divinas extraordinárias, essas exteriorizações não se apresentarão com forma nítida e que nos permita interpretá-las com segurança e clareza; sempre há de permanecer algo misterioso. E quando o interior se mantém fechado, nenhum olhar humano poderá forçá-lo para o penetrar.

### **Relacionamento com os puros espíritos criados**

A alma tem relações não só com seus semelhantes, mas também com os puros espíritos criados, bons e maus. De acordo com *Dionísio Areopagita*, João da Cruz é de parecer que as iluminações divinas são concedidas aos homens por intermédio dos anjos, embora admita que essa comunicação de graças pelos graus da hierarquia celeste não constitui a única via possível: ele reconhece a imediata união de Deus com a alma e é essa a que mais lhe importa. Ele analisa mais atentamente as perseguições do demônio que a influência do anjo bom. O Santo observa que o demônio rodeia constantemente as almas, a fim de afastá-las do caminho para Deus.

*Quais são as possibilidades de relação entre as almas e os puros espíritos, isto é, os espíritos incorpóreos?*

Também aqui a possibilidade de conhecimento advém das manifestações sensíveis e outras exteriorizações. No que tange aos homens, os puros espíritos, como tais, para se fazerem entender por eles, têm o poder de aparecer-lhes sob forma visível e de se tornarem presentes mediante palavras perceptíveis. Contudo, esse caminho é muito perigoso, pois nos faz correr o risco de enganos e ilusões: há o perigo de considerar aparição de espíritos o que não passa de ilusão dos sentidos ou da fantasia; o demônio pode aparecer resplandecente, simulando ser um anjo bom, a fim de seduzir com mais facilidade; e a alma, receando tais enganos, poderá rejeitar, como ilusão dos sentidos, ou demoníacas, aparições genuínas.

*Pergunta-se: os puros espíritos também se servem da exteriorização sensível como via de penetração no interior das almas?*

As narrações dos livros de *Jó e Tobias* não permitem senão a interpretação de que o maligno e o anjo bom vigiam atentamente o comportamento exterior dos homens. Está em harmonia com a doutrina da fé afirmar que os anjos têm conhecimento do mundo sensível e, portanto, das atitudes exteriores do homem (cf. santo Tomás de Aquino, *De Veritate*, q. 8 a II corp. (in *Investigações sobre a verdade I*, 224), porque os serviços que prestam aos homens supõem tal espécie de conhecimento. É o fato de esses anjos não necessitarem dos sentidos corporais para esse conhecimento indica haver outros meios possíveis para a percepção da natureza corporal. "Há conhecimento do sensível sem a mediação dos sentidos." (Idem, ibidem, q. 98 n. 8 ad 7 (I, 219). Não é nosso objetivo investigar os referidos meios. O certo é que o exterior não constitui o único meio de acesso vida interior: os puros espíritos percebem até mesmo palavras e manifestações internas e espirituais. O anjo da guarda "ouve" a oração que sobe até ele, brotando do silêncio do coração. O demônio percebe certos movimentos da alma e os aproveita para suas tentações. Mas os espíritos têm capacidade de se tornarem compreensíveis à alma por via nitidamente espiritual, tais como palavras silenciosas que no interior da alma são proferidas e percebidas sem intermédio dos sentidos exteriores; ou então utilizam-se de estímulos que são sentidos no interior como que determinados por fatores externos. Por exemplo, a mudança repentina de disposição ou impulso da vontade que não encontram explicação em vista dos acontecimentos comuns da existência humana. Aquilo que não pertence à esfera dos sentidos exteriores pode, apesar disso, estar na dependência da sensibilidade em geral e não ter o significado puramente espiritual (no sentido que João da Cruz atribui à pura espiritualidade). Ele denomina a memória, a inteligência e a vontade *faculdades espirituais*; mas como sua atividade natural é condicionada pelos sentidos, elas ainda fazem parte da vida sensitiva. Puramente espiritual é somente aquilo que

se passa no íntimo do coração, ou seja, a vida da alma em Deus e por Deus (cf. *Chama viva de amor*, explicação da estrofe, 2, verso 6). A essa intimidade os espíritos criados não têm acesso: os pensamentos do coração lhes são naturalmente ocultos — naturalmente, porque Deus pode patenteá-los aos espíritos criados.

### *O íntimo da alma e os pensamentos do coração*

Os *pensamentos do coração* constituem a vida originária da alma em sua mais pura essência. Essa vida encontra-se em uma profundidade anterior à diferenciação das diversas faculdades e atividades da alma. Lá, a alma vive tal qual é em si mesma, fora do alcance de tudo quanto as coisas criadas nela possam suscitar. Embora esse íntimo refúgio seja a sede da inabitação de Deus e o lugar da união da alma com ele, a vida originária existe mesmo antes de começar a vida de união, mesmo que esta última nunca se realize. Todas as almas possuem esse "algo íntimo", cuja existência já é uma forma de vida. Essa vida primordial é oculta, não só aos outros espíritos, como também à própria alma. Isso acontece por várias razões: a vida ordinária é informe; os pensamentos do coração não são pensamentos no sentido comum do termo, por não apresentarem contorno preciso, articulado e concreto como os da inteligência pensante; antes disso têm de passar por várias transformações — primeiro emergem do fundo do coração, depois chegam ao ponto de serem percebidos. Essa percepção, por sua vez, é um tipo de tomada de consciência muito mais primitivo que o conhecimento racional e já existe antes da diferenciação das diversas faculdades e atividades, mas falta-lhe a clareza do conhecimento intelectual. Assim, o que surge é percebido como algo impregnado de um valor, valor do qual dependerá a atitude da alma no sentido de decidir se o que está surgindo deve ou não aflorar. É de notar que aquilo que surge naturalmente e se torna perceptível, não mais pertence à vida profundíssima da alma: já representa uma resposta àquilo que a pôs

em movimento. (Isto, porém, leva-nos a um assunto que não poderá ser ventilado neste ponto.) Desde o momento em que se tornam perceptíveis os primeiros movimentos, começa a distinção das faculdades da alma, identificáveis por suas propriedades e a elaboração de formas nítidas. Entre estas últimas, estão os pensamentos elaborados pela inteligência em coordenação racional — são como que palavras interiores exprimíveis em palavras exteriores —, movimentos emocionais e resoluções da vontade que interferem na qualidade de forças causais no todo da vida psíquica. Vida psíquica significa não mais a vida primordial, mas o que é apreensível por uma percepção interna, que é diferente da primitiva sensação brotada no âmago da alma, sensação que por sua vez difere do nascimento de uma forma nítida e concreta arquivada na memória que agora começa a reviver. Nem tudo quanto começa a surgir e a ser sentido é efetivamente percebido. Muitas coisas emergem, transformando-se em palavras interiores e exteriores, desejos, atos voluntários e ações "quando menos se imagina". Somente quem levar uma vida plenamente recolhida alcançará perfeita vigilância sobre esses primeiros movimentos.

Assim chegamos a uma segunda razão pela qual a vida primordial é oculta ao próprio sujeito. Já dissemos que é no âmago que a alma se encontra consigo mesma; parece paradoxal dizer que, em geral, isso raras vezes acontece. São poucas as almas que vivem em seu âmago e dele se sustentam. Em geral, por força das conseqüências da natureza decaída, a maior parte dos homens permanece nas "moradas interiores do castelo da alma" (Santa Teresa d'Ávila comparou, em sua obra, *Castelo interior*, a alma a um castelo com muitos aposentos - as moradas). Ora, tudo quanto vem do exterior os atinge, arrastando-os para fora. Para fazê-los resolverem-se a "entrar em si próprios" é preciso que Deus os chame e os atraia vigorosamente.

## *A alma, o eu e a liberdade*

O que ficou dito por meio de figuras espaciais e concretas tem de ser esclarecido de maneira puramente espiritual e abstrata. As imagens, apesar de imprescindíveis, são equívocas e sujeitas a mal-entendidos. Aquilo que vem de fora e atinge a alma pertence ao mundo exterior, não faz parte da alma propriamente dita, tampouco de seu corpo, o qual, embora designado como parte externa, participa com a alma da unidade do ser e não lhe é tão exterior quanto as coisas completamente separadas e alheias a ela (Para santa Teresa, essas são as muralhas do castelo). Há diferença: umas são completamente exteriores, ou seja, possuem existência espacial; outras são interiores, como, por exemplo, uma outra alma. Além disso, seria preciso falar no exterior e no interior da própria alma. Isso porque, mesmo quando atraída pelas coisas de fora, ela não sai de si própria; o que acontece é que ela se afasta do seu íntimo e, ao mesmo tempo, volta-se para o mundo exterior. Aliás, as solicitações exteriores têm certo direito à atenção das almas; mas o grau em que merecem ser por ela absorvidas dependerá do peso, isto é, do valor e do significado que essas solicitações tenham em si e em relação à alma. Portanto, a solicitação será proveitosamente assimilada se o for na medida dessas qualidades. Para voltar-se à solicitação, contudo, não é preciso que a alma abandone seu centro profundo; ela é um espírito em seu castelo — é um reino espiritual, onde vigoram leis diferentes das do espaço exterior. Permanecendo nas mais íntimas profundezas de seu reino, a alma o domina inteiramente e, sem abandonar o lugar onde permanece, goza da liberdade de mover-se dentro do próprio reino a seu bel-prazer. A possibilidade de mover-se dentro de si mesma funda-se nesta qualidade: a alma é um EU. O EU é aquilo que permite à alma abranger a si mesma e a tudo quanto nela se move, como se encerrando em si mesma e a tudo o mais dentro de um âmbito espacial. Lá dentro, o ponto mais profundo é,

ao mesmo tempo, a morada de sua liberdade: o lugar onde a alma pode enfeixar a sua existência e decidir sobre si própria.

Há decisões de menor alcance que, mesmo em um ponto mais distante, podem ser tomadas com liberdade; mas são decisões superficiais e somente por acaso resultam convenientes; porque somente no ponto mais profundo é possível avaliar todos os fatores com exatidão. No mais, uma decisão dessas nem pode ser considerada definitivamente livre, porque aquele que não tem o pleno domínio de si próprio não conseguirá dispor de si com plena liberdade -será influenciado por outros fatores.

O homem é chamado a viver em seu íntimo e, conseqüentemente, a governar-se a si próprio, o que só é possível nesse ponto de apoio. Somente assim poderá decidir e assumir um lugar conveniente frente ao mundo. Entretanto, o homem jamais conseguirá explorar totalmente seu íntimo, este é um segredo de Deus que só ele pode desvendar conforme lhe aprouver. Enfim, no reino dos espíritos, dá-se grande valor ao íntimo do homem: os anjos têm a missão de protegê-lo; os espíritos maus procuram se apoderar dele; Deus o escolheu para sua morada. Mas os espíritos criados, bons e maus, não têm acesso a esse íntimo, não podem ler os *pensamentos do coração* — só Deus o faz.

Também existem certos meios espirituais de a alma se relacionar com os demais espíritos criados. O que nela é palavra interior serve-lhe de meio para se dirigir aos outros espíritos. Assim considera santo *Tomás de Aquino* a linguagem com que os anjos se relacionam mutuamente: seria uma relação espiritual, com o intuito de comunicar o que se passa internamente (Cf. *De Veritate*, q. 8 a 4). O mesmo devemos supor quanto à invocação silenciosa do santo anjo da guarda, bem como ao apelo aos espíritos

maus. Mas, mesmo deixando de lado nosso intuito de comunicação, os espíritos criados têm certo acesso ao que se passa em nós — não no íntimo, mas no que entrou de modo concreto no contexto interior da alma. Isso lhes serve para conjeturar o que se passa além de sua visão.

**Quanto aos anjos,** havemos de admitir que respeitam com reverência o santuário fechado da alma: o que desejam é apenas levá-la ao recolhimento e à entrega a Deus. O demônio, porém, procura apoderar-se do que pertence a Deus; por si mesmo ele não consegue, mas a alma pode entregar-se a ele, o que não faria se estivesse sempre recolhida em Deus. Mas como pode ela chegar a essa entrega hedionda? Só há uma explicação: a alma, pelo exterior, toma-se a si própria e se entrega, sem sequer conhecer o que está entregando. Nem mesmo o demônio poderá romper o lacre daquilo que lhe é entregue trancado! Poderá destruí-lo, mas isso lhe ficará oculto para sempre.

O direito de autodeterminação é propriedade inalienável da alma. Trata-se do grande mistério da liberdade pessoal que é respeitado até pelo próprio Deus — apenas pela oferta generosa de amor, por parte dos espíritos criados, é que Deus quer dominá-los. Ele conhece os "pensamentos do coração", penetra os mais profundos abismos da alma onde nem ela pode penetrar sem iluminação divina: entretanto, Deus não quer dela se apoderar sem que ela o consinta. Por outro lado, fará de tudo para conseguir a livre entrega da vontade da alma a ele, como presente de amor, a fim de conduzi-la à união beatífica. É esta a boa-nova que são João da Cruz se propõe a anunciar e a ela se dirigem todos os seus escritos.

O que ficou dito sobre a estrutura da essência da alma, principalmente no tocante à relação entre a liberdade e o íntimo,

não é de autoria de São João da Cruz. É, pois, necessário verificar se isso está de acordo com sua doutrina e se é útil para melhor realçá-la. (Só em caso positivo estas digressões serão justificadas.) À primeira vista, parece-nos que algumas das idéias expostas são inconciliáveis com certas afirmações do Santo ... Todo homem é livre e se defronta a cada instante com decisões a tomar. E enquanto a alma não tiver chegado à perfeita união amorosa, seu íntimo será um lugar em que Deus "exclusiva e secretamente habita" (Cf. *Chama viva de amor*, explicação da estrofe 4, verso 3.); um lugar que Santa Teresa chama de *sétima morada*, que só se abre no matrimônio místico (Cf. *Castelo interior*, sétima morada, parte I).

Pergunta-se, pois: *é somente quando chegar ao sumo grau de perfeição que a alma será capaz de tomar decisões com plena liberdade?* Aqui é preciso lembrar que a atividade própria da alma diminui consideravelmente à medida que ela se aproxima do seu íntimo. Tendo-o atingido, é Deus quem tudo nela opera; nada mais lhe resta a fazer senão receber (Cf. *Chama viva de amor*, explicação da estrofe 1, verso 3). É justamente nessa atitude receptiva que se exprime a participação de sua liberdade. É a entrega irrestrita a Deus. O matrimônio místico é a entrega mútua de Deus e da alma, e a alma que atingir essa perfeição terá tamanho poder que poderá dispor, não somente de si mesma, mas também do próprio Deus (Idem, *ibidem*, estrofe 3, verso 4). Quanto a esse grau mais elevado de vida pessoal, existe um perfeito acordo entre a doutrina mística de São João da Cruz e a opinião de que o íntimo da alma é o lugar da mais perfeita liberdade. Como então se configura o problema em relação à grande maioria dos homens que não chegam ao matrimônio místico? Poderão eles entrar em seu íntimo e nele tomar decisões, ou deverão contentar-se com decisões mais ou menos superficiais? Não é fácil responder simplesmente "sim" ou "não".

A estrutura e a natureza da alma — sua maior ou menor profundidade, seu próprio íntimo — lhe são inatas; nelas, por sua natureza, tem também raiz o movimento do "EU", considerado como o poder essencial de agir dentro de um âmbito. O "EU" toma posição conforme os motivos que se lhe apresentem. Seu movimento parte do ponto em que, de preferência, costuma permanecer. Esse ponto não é o mesmo em todos nós: difere essencialmente em todos os tipos humanos. O homem que se abandonou aos prazeres dos sentidos acha-se geralmente entregue a algum prazer sensível ou empenhado em buscá-lo. O ponto de suas decisões está, por isso mesmo, muito longe do seu íntimo. Quem procura a verdade prefere escolher como ponto central de sua permanência a atividade indagadora da inteligência; e, se é realmente a verdade que tal pessoa procura (e, portanto, não um mero amontoado de conhecimentos particulares), podemos afirmar que ela esteja talvez se aproximando de Deus, que é a própria Verdade, e portanto esteja se aproximando de seu próprio íntimo: estaria mesmo bem mais próxima do que se poderia conjecturar. Vamos acrescentar aos dois exemplos precedentes um terceiro, por se revestir, a nosso ver, de singular importância: o do homem egocêntrico, aquele para quem o "EU" constitui o ponto central. À primeira vista, parece que esse homem alcançou especial profundidade de seu íntimo. Entretanto, não há tipo humano cujo acesso ao íntimo esteja tão entravado quanto esse. Algo semelhante se passa em todos os indivíduos enquanto não atravessarem a noite escura inteiramente. Cabe-nos examinar, em todos esses tipos humanos, as possibilidades de movimento do "EU", de livre decisão e de acesso ao íntimo. Quando o homem sensual, entregue ao prazer, vê a possibilidade de desfrutar de um prazer maior, ele passará, sem maiores reflexões, daquele prazer à ação que lhe trará o prazer seguinte. Registra-se certo movimento, sem que haja decisão livre propriamente dita. Tampouco haverá interiorização profunda quando os novos atrativos se acharem no mesmo plano dos anteriores. Mas pode acontecer que

venha a apresentar-se, ao homem sensual, algo relativo a uma esfera de valores completamente diferentes. Já que nenhum tipo humano está exclusivamente enraizado em determinada esfera de valores, o que há é o predomínio de uma sobre as outras. Pode ser que ele seja, por exemplo, convidado a renunciar a determinado prazer para socorrer às necessidades de outro homem. Neste caso será difícil haver renúncia sem livre decisão. De qualquer modo, o homem sensual não praticará facilmente uma renúncia; será necessário que se decida a tanto. Se após alguma hesitação, ou mesmo uma atitude decididamente negativa, ele deixar de consentir, evidencia-se então uma *decisão da vontade*. É possível imaginar — e seria um caso extremo — que o homem permaneça no gozo do prazer sem que haja recusa à renúncia: é o caso em que o espírito se vê sufocado na vida sensível, a ponto de o apelo não o atingir; ouvem-se as palavras e talvez haja até alguma compreensão do seu significado; mas o centro de receptividade e aceitação do sentido exato das palavras está soterrado. A essa altura, já não se há de falar em livre decisão, nem em liberdade, a qual já foi sacrificada. No ato de recusa, ainda se registra compreensão do sentido, mesmo que não em todo o seu alcance, e é nisso que consiste a superficialidade da decisão, simultaneamente à limitação da liberdade. A alma não permite que certas motivações expandam todo o seu valor e toma o cuidado de não as permitir descerem ao íntimo, onde poderiam atingi-la.

Além dessa recusa superficial, existe outra, mais objetiva. É a atitude da alma que percebe realmente o encargo que a exigência de socorrer lhe impõe, embora, após analisar todas as razões favoráveis e contrárias, veja-se na contingência de rejeitá-la como descabida. Essa atitude de negação está em igualdade de condições com o consentimento dado após avaliação objetiva das razões. De qualquer forma, ambas as atitudes só se realizam quando o homem sensual abandona a atitude sensível e passa à atitude

ética, que o leva a desejar conhecer e fazer o que eticamente seja justo e correto. Para tanto é necessário que o homem tome uma decisão definitiva, e objetiva, que só podem provir do íntimo; assim, tal passagem equivale a uma completa transformação íntima, o que talvez seja impossível em termos naturais — é preciso haver um extraordinário reerguimento. Ninguém, humanamente falando, é capaz de avaliar todas as razões pró ou contra que influem na decisão. Só há uma coisa a fazer: tomar a decisão de acordo com o que a consciência individual consiga discernir como melhor. O homem de fé, porém, sabe que existe Alguém cuja inteligência é ilimitada e que, por isso mesmo, tudo abrange e penetra. A consciência de quem vive compenetrado nessa certeza de Fé não se contentará com o que pessoalmente lhe parecer melhor: há de procurar o que é certo aos olhos de Deus. Por aí é que somente a atitude religiosa é a verdadeira atitude ética. Por certo, mesmo na ordem natural, o que é correto e o que é bom nos atrai, é procurado e às vezes é atingido. Mas somente na procura da Vontade Divina haverá realização verdadeira, além da certeza de fazer o que é justo e certo. E nessa suprema decisão, tomada com a maior liberdade, acham-se incluídas todas as futuras decisões que por si mesmas se realizam em cada caso determinado. Contudo, entre a procura da decisão certa em cada caso e aquela culminância de liberdade em Deus, há um longo caminho (se é que ele realmente existe. ..). Quem procura *hic et nunc* o que é certo, e toma decisões de acordo com seu entendimento, encontra-se a caminho de Deus e de si próprio, ainda que não o saiba. Mas não tem ainda o pleno domínio sobre si, o qual é fruto da penetração no mais íntimo interior. Por essa razão, não gozará da plena disposição de si mesmo, nem da plena e livre decisão quanto aos objetos. Quem procura *por princípio* o que é reto, isto é, quem tiver a vontade de praticá-lo em todas as circunstâncias, decidiu sobre si mesmo e entregou a sua vontade à vontade de Deus, mesmo que não veja com clareza que a prática do que é reto coincide com a vontade divina.

Se isso de fato não lhe for claro, falta-lhe o caminho seguro para achar o que é reto: dispôs de si próprio como se tivesse o pleno domínio sobre si mesmo e, contudo, não lhe foram desvendadas as últimas profundezas do seu íntimo. Quando alguém, na vida de fé, tiver chegado ao ponto em que se decidiu plenamente por Deus e em que não quer outra coisa além do que Deus quer, não terá, porventura, alcançado o próprio íntimo? Ou existirá alguma diferença entre esse fato e a máxima união de amor? É muito difícil traçar os limites e igualmente saber a opinião de João da Cruz a esse respeito. Apesar disso, parece necessário reconhecer que há uma delimitação — seja pelo prisma objetivo, seja no entender de João da Cruz — e destacá-la. Aquele que, com Fé cega, não quiser senão o que Deus quer, alcançou o sumo grau a que o homem pode chegar com a graça de Deus: sua vontade está completamente purificada livre de todos os motivos e interesses terrenos, unida à vontade divina pela entrega espontânea. Apesar disso, ainda falta algo de importante e decisivo para se realizar a suprema união de amor: *a união mística*.

### *As diversas formas de união com Deus*

É preciso lembrar que são João da Cruz distingue três formas de união com Deus (*Subida*, 1. II, c. 4). Quanto ao que foi dito, prova-se somente no que diz respeito à situação desta vida, e não na união da glória que se distingue da anterior); pela primeira, Deus está essencialmente presente nas coisas criadas, mantendo-lhes a existência; pela segunda dá-se a inabitação na alma, mediante a graça; enquanto a terceira consiste na união transformadora, mediante o amor perfeito. Entre a segunda e a terceira forma há, de acordo com são João, somente uma diferença de grau. Contudo, comparando essa asserção com outras e ponderando-as, parece que há uma diferença específica e que dentro de cada espécie há graus. No Cântico espiritual, por

exemplo, o Santo menciona a mesma tríplice divisão, sem dizer que entre a presença pela graça e a presença pelo amor haja simples diferença de grau. Pelo contrário, insiste numa sensação perceptível do sumo bem, presente na união amorosa, e do efeito provocado por essa presença: o desejo ardente da visão a descoberto e beatífica de Deus (c. Idem, *ibidem*, explicação da estrofe 11).

Santa Teresa também cuidou muito da questão. No Castelo interior, ela afirma que pela oração de união lhe adveio o conhecimento daquela verdade da Fé que nos ensina estar Deus presente em todas as coisas por sua essência, sua potência e sua presença (Cf. *Castelo interior*, 5ª morada, I, 10). Antes ela só conhecia a inabitação pela graça e, a fim de obter clareza, consultou vários teólogos. Um "meio letrado" também conhecia apenas a inabitação pela graça; outros, porém, afirmaram-lhe ser verdade de Fé o que pela experiência da união lhe fora manifestado. Um confronto entre as exposições, aparentemente diversas, dos Pais de nossa santa Ordem, talvez contribua para alcançarmos maior clareza e objetividade.

Deus está presente em todas as coisas, mantendo-lhes a existência: sobre essa verdade da fé, familiar a São João, como teólogo, e que Teresa precisou descobrir, ambos partilham da mesma opinião. Deus prevê todas as coisas e as conhece a fundo em todas as suas transformações e vicissitudes. Sua onipotência permite-lhe dispor de todas elas a seu bel-prazer — Ele pode até entregá-las às suas próprias leis, deixando-as seguir seu curso ordinário; pode, também, intervir com medidas extraordinárias. Essa inabitação divina existe em cada uma das almas humanas. Desde toda a eternidade, Deus conhece a cada uma delas, com os segredos de sua natureza e seu ritmo de vida. Todas estão em Seu poder. O renascimento de uma alma pela graça santificante é um milagre da sua Onipotência. João da Cruz e Teresa d'Ávila

concordam também em que a inabitação de Deus, pela graça, é diferente dessa presença divina comum a todas as demais criaturas (e que as mantém em sua existência). De fato: mesmo que a alma não tenha noção ou desejo disso, e mesmo que viva atolada em pecados, extremamente afastada de Deus, ~~Deus, ele pode estar nessa alma por sua essência, potência e presença.~~

Ele pode estar nessa alma por sua essência, potência e presença. É possível que ela não repare em nenhum efeito dessa presença (mas isso não invalida a presença!).



Em Colônia, no Rito de Beatificação, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 20 (912), 17 de maio de 1987, págs. 5/6 (253/254).

Na manhã de 1º de maio, João Paulo II dirigiu-se de helicóptero para a Vila presidencial, em Bonn, para uma visita de cortesia e de caráter particular ao Presidente da República. Em seguida o Santo Padre transferiu-se para o Estádio de Colônia, e ali teve lugar a solene Beatificação da Irmã Teresa Benedita da Cruz, no século Edith Stein, que se converteu ao ler a autobiografia de Santa Teresa de Jesus, e recebeu o Batismo em 1922. Em 1933 entrou no Carmelo de Colônia e, depois de ter sido presa pelos nazistas durante a perseguição aos judeus, foi transferida para o campo de concentração de Auschwitz, onde foi morta a 9 de Agosto de 1942.

O rito de Beatificação teve lugar antes do canto do Glória da Santa Missa quando o Cardeal Höffner apresentou a síntese biográfica da Serva de Deus e em seguida o Papa pronunciou a fórmula ritual. No final da liturgia da Palavra, o Santo Padre pronunciou a seguinte homilia:

"Estes são os que vieram da grande tribulação; lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro" (Apoc. 7, 14).

1. Entre estes homens e mulheres bem-aventurados, saudamos hoje com veneração profunda e santa alegria uma filha do povo de Israel, rica em sabedoria e fortaleza. Formada na rígida escola da tradição de Israel e caracterizada por uma existência de virtude e de renúncia na vida religiosa, ela demonstrou um ânimo heróico no caminho para o campo de extermínio. Unida a Cristo crucificado, entregou a sua vida "pela paz verdadeira" e "pelo povo": Edith Stein, judia, filósofa, religiosa, mártir.

Muito venerado Senhor Cardeal, queridos irmãos e irmãs!

Com a beatificação de hoje realiza-se um desejo acalentado durante muito tempo, não só pela Arquidiocese de Colônia, mas também por muitos cristãos e muitas comunidades na Igreja. Há sete anos, a Conferência Episcopal Alemã apresentou unanimemente este pedido à Santa Sé, e a este pedido uniram-se outros Bispos simpatizantes da causa, de diversos Países. Por isso grande é a alegria que todos nós sentimos hoje ao satisfazer este pedido e de poder nesta solene liturgia, diante dos fiéis e em nome da Igreja, declarar a Irmã Teresa Benedita da Cruz como Beata na glória de Deus. Poderemos a partir de agora venerá-la como mártir e solicitar a sua intercessão junto do trono de Deus. Por isso me alegro convosco, e sobretudo com as suas irmãs do Carmelo de Colônia e de Eeht, e também com todos os que pertencem a esta Ordem religiosa. Além disso, causa-nos sentimentos de alegria e de gratidão o facto de estarem também presentes nesta celebração litúrgica irmãos e irmãs judeus, e em particular os familiares de Edith Stein.

2. "Manifestai-Vos no dia da nossa tribulação e fortalecei-nos, Senhor" (Est. 14, 12).

As palavras desta súplica, que escutamos na primeira leitura da liturgia de hoje, pronuncia-as Ester, uma filha de Israel, em tempos do exílio da Babilônia. A sua oração, dirigida a Deus, no momento de perigo mortal para ela e para todo o seu povo nos comove profundamente: "Meu Senhor, meu único Rei, assisti-me no meu desamparo, porque não tenho outro socorro senão Vós, porque o perigo é iminente. Senhor, escolhezes Israel entre todas as nações, e os nossos pais, entre todos os seus antepassados, para fazer deles Vossa herança perpétua... O Deus, poderoso sobre todas as coisas... livrai-nos...!" (Est. 14, 3-19).

O medo da morte, diante da qual Ester treme, surgiu quando, sob a influência do poderoso Aman, um inimigo mortal dos Judeus, se tinha difundido em toda a Pérsia a ordem de exterminar este povo. Com a ajuda de Deus e a entrega da sua própria vida, Ester contribuiu de maneira decisiva para a salvação do seu povo.

3. Esta oração suplicante, que remonta a mais de dois mil anos, é pela liturgia festiva deste dia posta nos lábios da Serva de Deus Edith Stein, uma filha de Israel do nosso século. A oração tornou-se de novo actual, dado que aqui, no coração da Europa, foi uma vez mais concebido o plano de exterminar os judeus. Concebeu-o unia ideologia desatinada, em nome de um racismo satânico, levando-o à prática com conseqüências desastrosas.

Enquanto se desenrolavam os dramáticos acontecimentos da segunda Guerra Mundial, construíram-se rapidamente os campos de concentração e os fornos crematórios. Nesses lugares terríveis encontraram a morte milhões de filhos e de filhas de Israel de todas as idades, desde as crianças até aos anciãos. O tremendo aparato de poder do Estado totalitário não poupou ninguém e adotou as medidas mais cruéis também contra aqueles que tiveram a coragem de defender os judeus.

4. Edith Stein morreu no campo de concentração de Auschwitz, como filha do seu povo martirizado. Não obstante a sua transferência de Colônia para o Carmelo de Echt, ela encontrou ali apenas um refúgio provisório ante a crescente perseguição contra os judeus. Depois da ocupação da Holanda, os nacional-socialistas começaram imediatamente também ali o extermínio dos judeus, excluindo no início os judeus batizados. Mas quando os Bispos católicos dos Países Baixos protestaram numa Carta pastoral contra as deportações dos judeus, os detentores do poder vingaram-se determinando também o extermínio dos judeus de fé católica.

Assim, a irmã Teresa Benedita da Cruz, juntamente com a sua querida irmã Rosa, que se refugiara no Carmelo de Echt, começou o seu caminho para o martírio.

Quando chegou a hora de deixar o Carmelo, Edith limitou-se a pegar a sua irmã pela mão e disse: "Vem, ofereçamo-nos pelo nosso povo". Com

a força de um discípulo de Cristo e disposta a sacrificar-se por Ele, viu, mesmo na sua aparente debilidade, um modo de prestar um último serviço ao seu povo. Já alguns anos antes ela se tinha comparado com a rainha Ester no exílio junto da corte persiana. Numa das suas cartas lemos o seguinte: "Tenho a certeza de que o Senhor aceitou a minha vida por todos os judeus. Penso continuamente na rainha Ester, que foi levada do seu povo precisamente para se apresentar perante o rei em favor do povo. Eu sou uma pequena Ester, muito pobre e fraca, mas o Rei que me escolheu é infinitamente grande e misericordioso".

5. Caros irmãos e irmãs. Juntamente com a oração de Ester, encontramos um trecho tirado da Carta aos Gálatas. O Apóstolo Paulo escreve: "Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gál. 6, 14).

Também Edith Stein encontrou no caminho da sua vida este mistério da cruz anunciado por São Paulo aos cristãos nesta Carta. Edith Stein encontrou-se com Cristo, e este encontro levou-a, passo a passo, à clausura do Carmelo. No campo de extermínio ela morreu como filha de Israel "para glória do nome santíssimo de Deus", e ao mesmo tempo como Irmã Teresa Benedita da Cruz, isto é, abençoada pela cruz.

Toda a vida, de Edith Stein é caracterizada por uma incansável busca da verdade e está iluminada pela bênção da cruz de Cristo. Teve o seu primeiro encontro com a realidade da cruz na pessoa de uma religiosíssima viúva de um colega de estudos, para a qual a trágica morte do marido não foi ocasião de dúvida para a própria fé, mas uma circunstância em que encontrou na cruz de Cristo a força e o consolo. Edith Stein escreveu mais tarde sobre este episódio: "Foi o meu primeiro encontro com a cruz e com a força que Deus dá àqueles que a levam... Nesse momento a minha incredulidade derrocou e resplandeceu Cristo: Cristo no mistério da cruz". A sua vida e o seu itinerário de cruz estão intimamente ligados ao destino do povo judeu. Numa oração, confessa ao Senhor o que ela sabia: "que a sua cruz agora era posta sobre os ombros do povo judeu" e todos os que compreendessem isto "deveriam estar prontos a tomá-la sobre os próprios ombros em nome de todos. Eu queria fazê-lo, se Ele me mostrasse o modo". Ao mesmo tempo, ela tem a certeza interior de que Deus escutara a sua oração. Quanto mais cruzeiras gamadas se viam pela rua, tanto mais se elevava a cruz de Cristo na sua própria vida.

Quando entrou no Carmelo de Colônia, com o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz para participar de maneira ainda mais profunda no mistério da cruz de Cristo, ela sabia que tinha "esposado o Senhor no sinal da cruz". No dia da sua primeira profissão pareceu-lhe ser, como ela própria disse, "como a esposa do Cordeiro". Estava convicta de que o seu Esposo celeste queria introduzi-la ao mais íntimo do mistério da cruz.

6. Teresa, a abençoada pela cruz, este é o nome daquela mulher que iniciou o seu caminho espiritual com a convicção de que não existe absolutamente nenhum Deus. Nos anos da sua juventude e dos seus estudos, a sua vida não tinha ainda sido marcada pela cruz de Cristo; no entanto, esta constituía já o objeto da constante procura e do estudo da sua viva inteligência. Quando tinha quinze anos, na sua cidade natal, Breslávia, Edith, nascida numa família judia, decidiu "deixar de rezar", como ela mesma confessou. Apesar de ter sido profundamente impressionada pela forte fé da sua mãe, transcorreu os anos da juventude e de estudos com espírito ateístico. Considerava inadmissível a existência de um Deus pessoal.

Nos anos dos seus estudos de Psicologia, Filosofia, História e Filologia germânica em Breslávia, Gotinga e Friburgo, Deus não ocupava nenhum lugar na sua vida. Todavia, professava um "idealismo ético muito elevado". De acordo com o seu grande talento, intelectual, não quis aceitar nada que não fosse provado, nem sequer a fé dos seus pais. Desejava por si mesma ir ao fundamento das coisas. Por isso busca incansavelmente a verdade. Mais tarde, olhando para essa época de inquietude espiritual, reconheceu esse tempo como uma etapa importante do seu processo de maturação interior, afirmando: "A minha busca da verdade era uma verdadeira e própria oração" - maravilhosa frase de consolo para todos os que têm dificuldade em crer em Deus! A procura da verdade é já no mais íntimo uma busca de Deus.

Sob a forte influência do seu mestre, Husserl, e da sua escola fenomenológica, esta estudante inquieta dedicou-se cada vez mais decididamente à filosofia. Aprendeu sobretudo "a considerar tudo sem preconceitos e a rejeitar todas as viseiras". O encontro com Max Scheler em Gotinga, proporcionou a Edith Stein o primeiro contacto com as idéias católicas. Ela mesma escreve sobre isto: "As barreiras dos preconceitos

racionalistas, nos quais eu cresci sem o saber, fecharam-se e o mundo da fé apareceu de repente diante de mim. Dele fazem parte integrante as pessoas, com quem me relacionava diariamente e eram por mim vistas com admiração".

A longa luta para uma decisão pessoal de aderir à fé em Jesus Cristo terminou só em 1921, quando ela começou a ler a "Vida de Santa Teresa de Ávila", livro escrito pela própria Santa e encontrado na casa de uma amiga. Ficou imediatamente impressionada pela leitura e não a deixou enquanto não chegou ao fim. "Quando terminei à leitura, disse a mim mesma: Esta é a verdade". Esteve a lê-lo durante a noite toda, até ao amanhecer. Naquela noite ela encontrou a verdade; não a verdade da filosofia, mas a Verdade em Pessoa, o "Tu" amoroso de Deus. Edith Stein estava à procura da verdade e encontrou Deus. Sem mais delongas, pediu para ser batizada e recebida na Igreja católica.

7. A recepção do Batismo não significou de modo algum para Edith Stein a ruptura com o seu povo judeu. Pelo contrário, ela afirma: "Quando eu era uma jovem de catorze anos deixei de praticar a religião judaica, e só depois do meu retorno a Deus é que me senti judia". Ela sempre teve a consciência de que "pertencia a Cristo, não só espiritualmente mas também por descendência". Sofreu muito pela grande dor causada à mãe devido à sua conversão, mas continuava a acompanhá-la à Sinagoga e recitava com ela os Salmos. À afirmação da mãe de que também se podia ser piedosa sendo judia, ela respondeu: "Sem dúvida, mas quando não se conheceu outra coisa".

Embora desde o encontro com os escritos de Santa Teresa de Ávila o Carmelo tivesse sido a meta de Edith Stein, ela teve de esperar mais de dez anos, quando então Cristo lhe mostrou na oração o caminho para a entrada no Carmelo. Na sua atividade como mestra e professora, no trabalho escolar e nas tarefas de formação, desempenhada na maior parte em Espira e depois também em Monastério, ela continuou a trabalhar por conciliar ciência e fé. Neste mister queria ser apenas um instrumento do Senhor. "Quem vem a mim, quero conduzi-lo a Ele".

Já nessa atividade ela viveu como uma religiosa, fez os três votos privadamente e tornou-se uma grande e inspirada mulher de oração. Estudando intensamente São Tomás de Aquino, chega à conclusão de que é possível "praticar a ciência como um serviço divino... Só em virtude desta convicção é

que pude decidir, em plena consciência, iniciar de novo (depois da conversão) um trabalho científico". Apesar do seu grande apreço pela ciência, Edith Stein vai percebendo com maior clareza que a essência do ser cristão não é o saber mas o amar.

Quando enfim, em 1933, Edith Stein entrou no Carmelo de Colônia, este passo não significou para ela uma fuga do mundo ou das próprias responsabilidades, mas uma participação ainda mais decidida no seguimento da cruz de Cristo. No seu primeiro colóquio com a Priora daquele Carmelo, ela disse: "O que pode ajudar-nos não é a atividade humana, mas a paixão de Cristo. O meu desejo é participar nela". Por isso mesmo, no momento da vestição não pôde expressar outro desejo senão o de ser chamada, na vida religiosa, "da Cruz". E, no santinho que recordava a sua profissão perpétua, ela pôs a frase de São João da Cruz: "A minha única missão de agora em diante será amar ainda mais".

8. Queridos irmãos e irmãs. Com toda a Igreja, inclinamo-nos hoje diante desta grande mulher, a quem de agora para o futuro poderemos chamar bem-aventurada na glória de Deus; inclinamo-nos diante desta grande filha de Israel, que em Cristo, o Redentor, descobriu a plenitude da sua fé e da missão para com o Povo de Deus.

Segundo a convicção de Edith Stein, quem entra no Carmelo "não perde os seus, mas os reencontra, pois a nossa vocação é precisamente a de ser para todos diante de Deus. A partir do momento em que começou a entender o destino do povo de Israel "sob o sinal da Cruz", a nossa nova Beata foi desejando cada vez mais assimilar Cristo no seu profundo mistério de Redenção, para se sentir na unidade espiritual com os múltiplos sofrimentos do homem e para expiar as injustiças deste mundo que clamam ao céu. Como "Benedita da Cruz", ela quis levar a sua cruz juntamente com a de Cristo pela salvação do seu povo, da sua Igreja e do mundo inteiro. Ofereceu-se a Deus como "sacrifício expiatório pela paz verdadeira", e sobretudo pelo seu povo oprimido e humilhado. Depois de ter sabido que Deus de novo tinha com força pousado a Sua mão sobre o seu povo, convenceu-se de que "o destino deste povo era também o seu".

Na sua penúltima obra teológica "A ciência da Cruz", que começara a escrever no Carmelo de Echt como Irmã Teresa Benedita da Cruz que todavia não pôde concluir porque teve de empreender o seu caminho da cruz - ela observa: "Quando falamos de ciência da Cruz não entendemos... como pura teoria, mas expressamos uma verdade viva, real e efetiva". Quando vislumbrou sobre ela, como uma nuvem espessa, a ameaça de morte que pesava sobre o seu povo, mostrou-se disposta a testemunhar com a própria vida o que aprendera anteriormente: "Há uma vocação a padecer com Cristo e, como consequência, a colaborar na sua obra de salvação... Cristo continua a viver nos seus membros e neles continua a sua paixão; o sofrimento suportado em união com o Senhor é a Sua paixão, o qual está inserido na grande obra de redenção e mediante ela se torna fecundo".

Com a sua irmã Rosa, a Irmã Teresa Benedita da Cruz percorreu o caminho para o extermínio, unida ao seu povo e "pelo" seu povo. Todavia, não aceitou passivamente o sofrimento e a morte, mas uniu-os conscientemente ao Sacrifício expiatório do nosso Salvador Jesus Cristo. Alguns anos antes, escrevera no seu testamento espiritual: "Desde já aceito a morte que Deus me tem reservada, com alegria e completa submissão à Sua santíssima vontade". "Peço ao Senhor que se digne aceitar, o meu sofrimento e a minha morte, para seu louvor e glória, por todas as necessidades... da Santa Igreja". O Senhor escutou esta oração.

A Igreja propõe hoje à nossa veneração e imitação a Beata Mártir Teresa Benedita da Cruz, exemplo de seguimento heróico de Cristo. Abramos-nos à mensagem que ela nos dirige como mulher do espírito e da ciência, que na ciência da Cruz conheceu o ápice de toda a sabedoria; como uma grande filha do povo judeu e uma grande cristã no meio de milhões de irmãos inocentes martirizados. Ela viu que a cruz se aproximava de forma implacável, mas não fugiu atemorizada; pelo contrário, animada pela esperança cristã, abraçou-a com amor e entrega total e penetrada pelo mistério da fé pascal, saudou-a à sua chegada: "Ave Crux, spes unica!".

Como disse na sua breve Carta pastoral o vosso venerado Cardeal Höffner: "Edith Stein é um dom de Deus, uma advertência e uma promessa para a nossa época. Possa ela interceder junto de Deus por nós, pelo nosso povo e por todos os povos!"

9. Queridos irmãos e irmãs. A Igreja do século XX vive hoje um grande dia! Inclino-nos profundamente diante do testemunho da vida e da morte de Edith Stein, ilustre filha de Israel e ao mesmo tempo filha do Carmelo, Irmã Teresa Benedita da Cruz; uma personalidade que reúne na sua rica vida a síntese dramática do nosso século. A síntese de uma história cheia de feridas profundas que ainda hoje continuam a fazer sofrer, mas que homens e mulheres com sentido de responsabilidade se esforçaram e continuam a esforçar-se por sanar; síntese ao mesmo tempo da verdade plena sobre o homem, num coração que esteve inquieto e insatisfeito "enquanto não encontrou a paz em Deus".

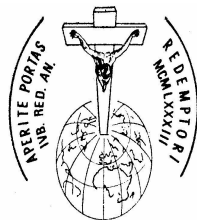
Ao dirigirmo-nos espiritualmente para o lugar do martírio desta grande judia e mártir cristã, para o lugar daquele acontecimento terrível que hoje se chama "Shoah", escutamos a voz de Cristo, o Messias e Filho do homem, o Senhor e Redentor.

Como mensageiro do mistério insondável de Deus, Ele diz à Samaritana junto do poço de Jacob:

"A salvação vem dos judeus. Mas vai chegar a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores não de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são esses os adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito e os Seus adoradores em espírito e verdade é que O devem adorar" (Jo. 4, 22-24).

Bendita seja Edith Stein, Irmã Teresa Benedita da Cruz, uma verdadeira adoradora de Deus, em espírito e verdade.

Sim, bendita seja! Amém.



Homilia do Santo Padre na Missa celebrada na Paróquia de Santa Catarina de Sena

## Catarina de Sena é modelo no caminho da santidade

*Retomando a série das Visitas pastorais às diversas paróquias da Diocese de Roma, o Santo Padre esteve, na manhã de domingo 10 de Outubro, na comunidade paroquial dedicada a Santa Catarina de Sena, há pouco proclamada co-Padroeira da Europa juntamente com Santa Brígida da Suécia e Santa Teresa Benedita da Cruz.*

*O encontro festivo com o Sumo Pontífice teve o seu ponto central na solene Missa, celebrada no campo desportivo do Oratório paroquial, por falta de um templo ainda definitivo. Ao chegar à Paróquia, o Santo Padre foi acolhido por um grupo de crianças que lhe deram as boas-vindas, com uma bonita representação da parábola do "Semeador"; em seguida algumas delas apresentaram ao Papa três perguntas: "Qual é a mais bonita recordação da tua infância?"; "Tens um amigo do coração?"; "Por que abraçaste o homem que queria matar-te?". A espontaneidade destas crianças, João Paulo II respondeu: "O momento mais alegre da minha vida foi a Primeira Comunhão, e daí surgiu o meu melhor amigo: Jesus, que me chamou ao sacerdócio". Depois o Papa deixou-lhes a grande lição do perdão: "Perdoei, porque assim Jesus nos ensinou, e por isso abracei aquele homem".*

*Outros encontros com os vários grupos do movimento paroquial tiveram sequência após a Santa Missa, destacando-se o com os jovens, aos quais recordou o grande evento do Ano 2000: o Dia Mundial da Juventude, e agradeceu-lhes as primeiras felicitações pela passagem do XXI aniversário de Pontificado, a ser comemorado no dia 16 de Outubro.*

*Eis o texto da homilia pronunciada pelo Santo Padre durante a Celebração eucarística:*

1. "O reino dos céus é comparável a um rei que preparou um banquete nupcial" (Mt 22, 2).

No Evangelho, que há pouco foi proclamado, Jesus descreve o Reino de Deus como um grande banquete nupcial, com abundância de alimentos e bebidas, num clima de alegria e de festa para todos os convidados. Ao mesmo tempo, Jesus sublinha a necessidade do traje nupcial (cf. *ibid.*, v. 11), isto é, a necessidade de respeitar as condições requeridas pela participação nesta festa solene.

A imagem do banquete está presente também na primeira leitura, tirada do Livro do profeta Isaías, onde são ressaltados a

universalidade do convite "para todos os povos" (cf. 25, 6) e o desaparecimento de todo o sofrimento e dor: "O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces" (cf. ibid., v. 8).

Trata-se das grandes promessas de Deus, que se realizaram na redenção operada por Cristo e que a Igreja, na sua missão evangelizadora, anuncia e oferece a todos os homens. A comunhão de vida com Deus e com os irmãos, que por obra do Espírito Santo se atua na existência dos crentes, tem o seu centro no Banquete eucarístico, fonte e ápice de toda a experiência cristã. Isto é-nos recordado pela liturgia todas as vezes que nos preparamos para receber o Corpo de Cristo. Antes da Comunhão o Sacerdote dirige-se aos fiéis com estas palavras: "Felizes os convidados para a Ceia do Senhor". Sim! Somos deveras felizes, porque fomos convidados para o eterno Banquete da salvação, preparado por Deus para o mundo inteiro.

2. Caríssimos Irmãos e Irmãs da Paróquia de Santa Catarina de Sena! Ao vir neste dia entre vós, retomo as minhas habituais visitas pastorais às paróquias de Roma. Agradeço ao Senhor que me oferece a oportunidade de me entreter com a vossa Comunidade paroquial, dedicada a Santa Catarina de Sena. Como bem sabeis, por ocasião da abertura do Sínodo dos Bispos para a Europa, há alguns dias tive a alegria de a proclamar, juntamente com Brígida da Suécia e Edith Stein, co-Padroeiras do Continente europeu. A ela e às outras Santas Padroeiras da Europa, renovo a consagração dos trabalhos da Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos e o empenho da nova evangelização no nosso Continente.

Ao desejar que cresçais sob a constante proteção de Santa Catarina, saúdo a todos com alegria. Saúdo o Cardeal Vigário, o Arcebispo Vice-Gerente, o vosso querido Pároco, Mons. Aldo Zega, e os Sacerdotes colaboradores. Dirijo um cordial pensamento às Comunidades geminadas com a vossa Paróquia e, em particular, à de Trieste, hoje aqui presente com uma significativa delegação. Saúdo os membros dos numerosos grupos paroquiais e todos os que oferecem a sua colaboração às várias atividades formativas, socioculturais e caritativas da Paróquia.

Penso depois, com reconhecimento, nos Padres Marianistas, que nos recebem para esta Celebração. Já há longo tempo, eles acolhem a casa prefabricada das obras paroquiais nos terrenos que pertencem à sua Congregação. Um agradecimento sentido dirige-se também às Irmãs Hospitaleiras da Misericórdia que, desde a fundação da Paróquia, com generosidade puseram à disposição a sua igreja, assegurando o serviço da sacristia e numerosas outras formas de colaboração.

Caros Religiosos e Religiosas, obrigado pela vossa disponibilidade em relação às necessidades pastorais da Paróquia. Formulo ardentes votos por que esta fecunda cooperação prossiga e se aprofunde sempre mais, não só aqui mas em toda a parte. Com efeito, o desafio da nova evangelização concerne às diversas componentes do Povo de Deus e pede que cada um ponha à disposição os próprios recursos, para melhor servir o Evangelho. Desse modo, os Sacerdotes diocesanos e religiosos, as Comunidades paroquiais e as Famílias religiosas masculinas ou femininas, trabalham juntos embora no respeito pelas legítimas autonomias, para anunciar e testemunhar Cristo, único Redentor da humanidade. Nesta estrada caminhou até agora a vossa Paróquia; encorajo-vos a prosseguir nela com confiança e generosidade.

Depois dos primeiros e difíceis anos da fundação, a vossa Paróquia, de fato, percorreu um intenso caminho comunitário, alcançando um bom nível de estruturação e organização pastoral. Ainda que seja desprovida de um verdadeiro e próprio centro para as obras paroquiais, ela foi capaz de oferecer aos habitantes do território um percurso continuado de catequese e de formação para a vida cristã, assim como um concreto testemunho de caridade evangélica. Ide avantel!

Enquanto de coração formulo votos por que possais quanto antes obter um terreno para construir um adequado lugar de culto, convido-vos a valorizar a experiência maturada nestes anos. Na vossa ação apostólica, não vos contenteis com vos dirigir a quantos já freqüentam ou têm contactos, ainda que esporádicos, com a fé cristã. Ide em busca de todas as pessoas e anunciai a todos o Evangelho, lá onde o povo vive, trabalha, sofre ou transcorre o tempo livre.

4. Eis a missão a que fomos chamados especialmente em vista do Ano jubilar, que terá início dentro de poucos meses com a abertura da Porta Santa. Sirva-vos de exemplo a vossa celeste Padroeira, Santa Catarina que, humilde e intrépida terciária dominicana, se despendeu pela Igreja sem poupar energias. Esta grande Santa seja para todos, além de particular Protetora, modelo a seguir no caminho da santidade.

Segui-a, caros jovens, que estais a preparar-vos para o Dia Mundial da Juventude. A esse respeito, recordo o que escrevi na Mensagem para esse Dia: "Tende a santa ambição de ser santos, como Ele é santo!" (em L'Osservatore Romano, ed. port. de 10/7/99, pág. 5, n. 3). Catarina de Sena exprime, de maneira admirável, a síntese entre contemplação e acção para a qual deveis tender, a fim de serdes os apóstolos do novo milénio.

Roma prepara-se para celebrar o Congresso Eucarístico Internacional: possa o amor pela Eucaristia, que Santa Catarina nutriu, ser fonte de inspiração para todo o crente, a fim de que não diminua o entusiasmo do amor a Deus e ao próximo, de modo especial o mais necessitado. Para Santa Catarina de Sena olhai especialmente vós, mulheres desta Comunidade: o típico génio feminino, que a tornou intrépida e corajosa, vos incentive a ser fortes, construtivas e criativas no amor a Deus e no cuidado dos irmãos.

5. "Tudo posso n'Aquele que me dá força" (Fl 4, 13). Com estas palavras São Paulo exprime o sentido profundo da sua vida missionária. É esta também a síntese da experiência espiritual de Santa Catarina de Sena e de todo o fiel servidor do Evangelho. Os meus votos são por que também a vossa Comunidade possa repetir, com o apóstolo Paulo e com os verdadeiros discípulos de Cristo: "Tudo posso n'Aquele que me dá força"!

Peçamos ao Senhor, com as palavras da Colecta deste dia, que preceda e acompanhe sempre com a sua graça, o nosso caminho pessoal e comunitário a fim de que, sustentados pela sua ajuda paterna e pela materna intercessão de Maria, Mãe da Igreja, jamais nos cansemos de fazer o bem. Amém!

(©L'Osservatore Romano - 16 de Outubro de 1999)